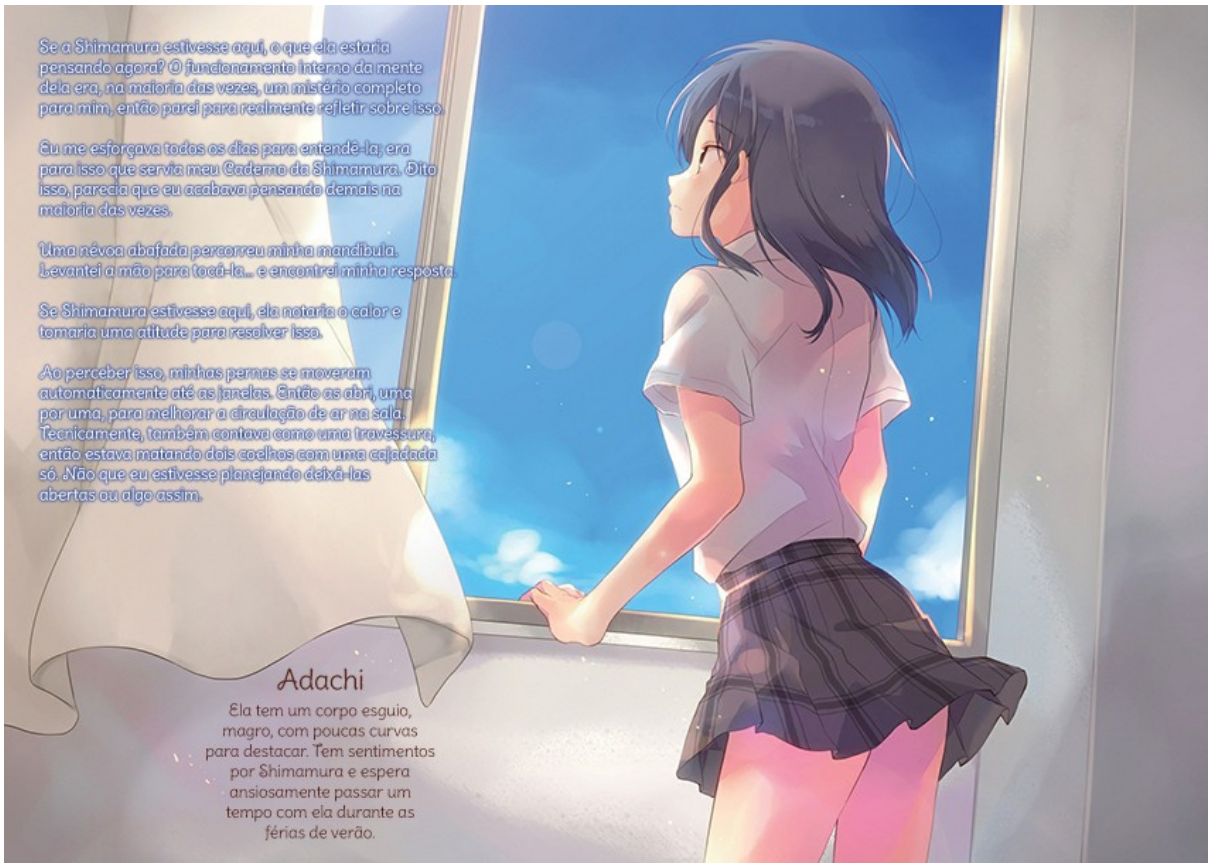


Depois de duas noites de esforço dedicado, ergui o resultado final para avaliar sua qualidade.

1. Shimamura me deixa dormir na casa dela novamente. 2. Shimamura e eu vamos fazer compras em algum lugar. 3. Shimamura deixa eu segurar sua mão e nos divertimos juntas. 4. Shimamura e eu vamos à piscina. Talvez à praia? Longe demais? 5. Shimamura

Era uma lista de coisas que eu queria fazer durante as férias de verão, e a maioria — bem, tudo — começava com Shimamura. Eu não tinha pensado muito enquanto escrevia tudo, mas agora, olhando bem, meu olhar evitava timidamente todos os momentos em que escrevi seu nome. Quando cheguei ao número cinco da lista, fiquei sem espaço para escrever mais; por que só deixei o nome da Shimamura ali? Esse era um mistério criado por mim mesma (em estado de privação de sono).

Ainda assim, era tecnicamente correto. Na minha cabeça, o diagrama de Venn entre “férias de verão” e “Shimamura” era praticamente um círculo. Dito isso, eles não estavam firmemente ligados, então eu precisaria me esforçar conscientemente. Caso contrário, se eu me perdesse com o calor que estava, essa lista nunca passaria de rabiscos incoerentes, e quando as aulas voltassem, tudo o que me restaria seriam arrependimentos.

Agora que Shimamura fazia parte da minha vida, eu me recusava a deixar este verão ser pior do que todos os outros que desperdicei sem fazer nada. Foi por isso que passei os últimos dois dias organizando meus pensamentos no papel: para sair, fazer coisas e me divertir. Quando parei para pensar, percebi que isso resumidamente descrevia o verdadeiro propósito das férias de verão. E nos divertirmos juntas, só nós duas, certamente seria a prova de nosso laço especial...

"Prova..."

Eu não estava confiante de que algo assim realmente existisse, mas, se por acaso conseguisse colocar minhas mãos em alguma, provavelmente andaria pela cidade durante uma semana inteira só para exibi-la. Então, como eu poderia provar a existência de algo invisível a olho nu? ...Com um termômetro ou algo do tipo?

Olhei para o relógio. Meu turno começaria em breve, então deixei minha lista de afazeres na escrivaninha e troquei de roupa para o trabalho. Foi aí que lembrei que não tinha tomado café da manhã. *Ah, tanto faz.*

Sinceramente, eu não tinha muito incentivo para continuar trabalhando. Quando comecei, achei que era melhor do que ficar sem fazer nada, e economizar dinheiro seria útil em caso de emergência. Mas agora eu tinha uma boa quantia no banco e nada para gastar. Claro, era uma fonte de dinheiro para quando eu e Shimamura saíamos juntas, mas essas oportunidades eram raras.

Ainda assim, se havia algo que me motivava a continuar indo ao trabalho, era a esperança de que Shimamura e sua família voltassem para comer lá de novo. Admito, era meio humilhante, mas... quer dizer... Shimamura já tinha elogiado meu *cheongsam* antes, então a ideia dela me ver nele não me incomodava tanto, eu acho? E uma parte de mim queria que ela se sentisse... atraída por mim, de alguma forma. Em vez de eu sempre ter que correr atrás dela, queria que ela começasse a me encontrar no meio do caminho, um passo de cada vez. Isso não era o que significava estar próxima de alguém?

Ninguém nunca me ensinou essas coisas. No passado, eu nem ligava, mas agora estava me esforçando para aprender. Quando seria capaz de recuperar o tempo perdido?

Depois de escrever tanto sobre Shimamura, comecei a ansiar por ouvir sua voz, então decidi que ligaria para ela depois que meu turno terminasse. Mesmo que eu não tivesse muito o que dizer, pelo menos queria que ela soubesse que eu sentia sua falta... Só não tinha certeza se conseguiria dizer isso sem travar a língua.

Ugh, agora vou ter que esperar uma eternidade. Queria ter tido essa ideia depois do trabalho.

Peguei a chave da bicicleta e a chave de casa e saí. Sem o ar-condicionado para me proteger, fui recebida por outro dia escaldante de verão. E enquanto o sol lançava um braço sobre meus ombros, as cigarras gritavam um animado "olá".

Para mim, parecia mesmo que eu tinha aberto a porta para o próprio verão.

***

A sensação era como se houvesse cigarras cantando no fundo da minha mente — uma representação auditiva da luz brilhante do sol entrando pela janela. Os prédios ao longe se destacavam nitidamente contra o céu, com cores distintas, mas suavizadas. Eu nunca gostei muito do verão, mas ainda assim apreciava a paisagem.

“O que você tá fazendo, Nee-chan?” minha irmã perguntou, me observando com desconfiança enquanto eu encarava a janela, distraída.

“Mmm... Nada demais...”

Minha mente vagava para o verão passado — o dia em que enterrei a cigarra morta. Ainda conseguia sentir o calor da terra contra as minhas mãos. Já fazia quase um ano desde que conheci Adachi, mas parecia que tinha sido ontem. Num piscar de olhos, nos tornamos alunas do segundo ano do ensino médio, e, em dezoito meses, iríamos nos formar. Será que eu iria para a faculdade depois disso? Sendo sincera, provavelmente não. Então, o que faria da minha vida?

Vai ficar ainda mais entediante daqui pra frente, não vai? Bleh. Soltei um suspiro.

“Ah, parece que encontrei tanto Shimamura-san quanto a Pequena.”

Yashiro entrou na sala logo em seguida, seguindo minha irmã. Ultimamente, eu cruzava com essa figura peculiar nos corredores com tanta frequência que parecia que ela tinha se mudado para cá. Na verdade, ela ficava para o jantar *e* tomava banho aqui quase todas as noites. Dito isso, nunca dormia na nossa casa. Se o “ainda” deveria ser incluído no final dessa frase, só o tempo diria, mas, por ora, ela sempre voltava para casa à noite. E, quando acordávamos na manhã seguinte, frequentemente a encontrávamos largada na sala de estar.

“Ah, é mesmo! Nee-chan, nee-chan! Vai ter um festival!”

Minha irmã me entregou a pilha de panfletos que estava segurando — provavelmente aqueles anúncios que sempre vinham entre as páginas do jornal. Peguei a pilha e comecei a olhar. No topo estava um anúncio para o mesmo festival de fogos de artifício que Tarumi e eu íamos. Aparentemente, todas as empresas locais iam montar barracas no evento, por isso estavam enviando os panfletos para todas as casas, independentemente da proximidade. Olhei a data marcada. *Tenho quase certeza de que é no fim de semana.*

“O que pode ser isso?” Yashiro perguntou, posicionando-se ao lado da minha irmã e espiando o panfleto. Ela inclinou a cabeça. “Festival de fogos de artifício? O que é um fogo de artifício?”

Ela não sabe o que são fogos de artifício?

Pensando bem, Yashiro geralmente não sabia sobre muitas coisas. Sua total falta de conhecimento básico me fazia pensar se ela era de outro país, mas, por outro lado, ela falava japonês perfeitamente. Por que o alcance do conhecimento dela era tão inconsistentemente limitado? Era como se ela tivesse passado a vida inteira caminhando em uma corda bamba muito estreita, sem jamais se desviar um centímetro.

“Nnrgh…” Yashiro parou para refletir por um momento, depois colocou o rosto nas mãos e fingiu chorar.

“Não, isso aí são *águas de chororô*,” minha irmã respondeu.

“É algo diferente, então?” Ela imediatamente abaixou as mãos.

“*Fogos de artifício* são coisas que explodem bem alto e têm muitas cores bonitas!”

“Ah, claro,” Yashiro assentiu, embora fosse óbvio que ela não fazia ideia do que eram fogos de artifício. O que *parecia* compreender, no entanto, era que minha irmã adorava explicar as coisas.

“Você queria ir?” perguntei.

“Eu vou se você pedir com jeitinho,” respondeu minha irmã, toda metida. *Por que essa pirralha é tão chata só comigo?*

“Bom, na verdade, eu já meio que combinei de ir com uma amiga, então…”

“Whaaaa?” Ela ficou na ponta dos pés em protesto. Depois de uma pausa indignada, continuou: “Que *amiga*?! Nãão!”

Desculpa acabar com suas esperanças, mas sua irmã mais velha tem uma vida própria, sabia? É difícil de aceitar, eu sei. Meus pais eram dois preguiçosos que não suportavam a ideia de lidar com multidões, então, sem mim para cuidar dela, minha irmã jamais seria autorizada a ir a um festival noturno.

“Eu posso ir com você,” ofereceu Yashiro, com as mãos na cintura e o peito estufado. *Obrigada, mas isso não resolve exatamente o problema. Na verdade, só cria um novo.*

Enquanto minha irmã fazia bico, cocei a cabeça. Quando ela começava a emburrar, era um trabalhão para fazê-la voltar ao normal.

“Tá, uhh… me dá um minuto.”

De algum jeito, senti que isso não ia ser bem recebido, mas decidi perguntar mesmo assim. Peguei meu celular e procurei pelo histórico de chamadas — *bip, bop, bip*. Dois segundos depois, Tarumi atendeu.

“Shima-chan?! O que foi?! O que aconteceu?!” ela disparou de uma vez, e dava pra sentir que tinha corrido a toda velocidade para atender o telefone.

“Não é nada urgente. De qualquer forma, oi.”

"Ei! Isso é o que eu acho que é? Reagendamento?" Ela parecia inquieta, embora ainda mais calma do que a Adachi. Onde Adachi hesitava, Tarumi ia direto ao ponto.

"Não, não é um reagendamento, mas é sobre o festival de fogos de artifício. Posso levar minha irmã mais nova e... mais uma pessoa?"

Houve uma pausa. *É, eu sabia que ela não ia gostar disso*, pensei comigo mesma, enquanto forçava um sorriso. Nós éramos amigas, sim, mas eu sabia que ia ser estranho levar um familiar. Além disso, já tínhamos planejado que seria só nós duas. Minha irmã teria que engolir seco e ficar em casa.

Mas justo quando eu estava prestes a olhar para ela—

"O que você quer dizer com 'mais uma pessoa'?" Tarumi perguntou, a voz tensa. Foi essa parte que a preocupou? *Que estranho.*

“Ummm, é meio difícil de explicar. Ela é tipo… amiga da minha irmã? Eu acho?”

Tecnicamente, eu a conheci primeiro, mas… nossa relação era difícil de descrever.

“Sua *irmã*… Ah, eu esqueci que você tem uma irmã.”

“É. Acho que você a viu pela última vez quando ela era bem novinha. Lembra?”

“Vagamente. Acho que ela provavelmente não se lembraria de mim também.”

“Provavelmente não,” eu concordei. Naquela época, minha irmã se escondia no nosso quarto sempre que a Tarumi vinha aqui… *Espera, mas isso é exatamente o que ela faz agora. Bem, pelo menos é fofinho, eu acho.* “Então, tudo bem? Se não for, não tem problema também, sério.”

Haveria outros festivais noturnos, então eu poderia sempre levá-la para algo diferente mais tarde, mesmo que não tivesse fogos de artifício. Hoje em dia, não se lançavam tantos como antigamente, então a oportunidade se tornava mais rara; ainda assim, nessa época do ano, geralmente ouvíamos eles estourando quase uma vez por semana.

"…Tá, tá. Parece bom, sim."

Após uma pausa, ela aceitou minha proposta. Sinceramente, eu não estava esperando por isso. Fiquei em dúvida se devia pedir desculpas, mas não parecia que eu tinha feito algo de errado, então, ao invés disso, falei "Valeu."

"Nah, tranquilo. Não tô… você sabe… super, tipo… Basicamente, eu só quero me divertir!"

"Sério?" *Não precisa ficar tentando ver tudo pelo lado bom, sabe?*

"Uhhh, sim! Sim… sim. Não, sério, tranquilo. Ela é sua irmã, então…"

Então... o quê? Mas, ao invés de perguntar, eu agradeci novamente e fui desligar. Ela pareceu perceber isso.

"Uhhh, Shima-chan! Shima-chan!"

Coloquei o telefone de volta no ouvido. O jeito que ela repetiu meu nome me lembrou os velhos tempos.

"Eu tô realmente ansiosa por isso, então não esquece, viu!"

E com essa última frase, ela desligou. Diferente da Adachi, ela sempre se comprometia com uma única ação, o que eu até apreciava. Mas era difícil dizer se suas palavras finais eram apenas uma expressão de empolgação, ou... um aviso. Ela realmente achava que eu esqueceria de aparecer? *As férias de verão acabaram de começar. Acredite, eu não sou tão perdida assim*, pensei comigo mesma enquanto olhava por cima do ombro.

Ignorando Yashiro, que estava se divertindo fingindo chorar novamente, virei para minha irmã. "Ok, ela disse que vocês podem ir."

"Ohhh!" Ela exalou todo o ar de suas bochechas inchadas e emburradas.

"Mas vamos com uma amiga minha. Você vai ficar de boa com isso?"

Minha irmã geralmente era bem distante com qualquer pessoa que não fosse da nossa família imediata. Ela assentiu levemente.

Espero que ela supere a timidez logo. Caso contrário, ela vai acabar igual — bem, hmm. Acho que o problema da Adachi não é timidez, exatamente.

“É a mesma amiga que dormiu aqui outro dia?” ela perguntou. Parecia que ela estava perguntando se era a Adachi, embora a visita tenha sido há bastante tempo, não *outro dia*.

“Não, não é ela. É outra pessoa.”

“Hmmm,” ela resmungou desanimada. *Que atitude é essa?*

“Qualquer amiga da Shimamura-san é uma amiga minha,” Yashiro anunciou com um sorriso largo. “Eu sou a Amiga-Robô! Rat-tat-tat!”

(Nota: Referência a outra light novel de Hitoma Iruma, *Otomodachi Robo: Choco*)

“Sei...”

Revirando os olhos para as palhaçadas dela, deixei meu olhar se perder no mar distante, onde meu passado estava morto e enterrado. Sempre que algo me lembrava do meu velho eu, isso me deixava inquieta. Essas coisas surgiam naturalmente para ela porque ela era tão parecida com o meu antigo eu? Ou eu só *achava* que ela era parecida por causa das coisas que ela dizia?

Com suavidade, comecei a buscar no fundo salgado o começo da sobreposição.

***

Durante o meu turno, não conseguia parar de pensar no festival de fogos de artifício. Dito isso, eu não iria como parte da multidão, caminhando sob o arco-íris de explosões. Não, eu iria como parte da atração.

Nosso restaurante, que se autodenominava "Cozinha neo-chinesa", teria uma barraca de comida lá, e a gerente me pediu para ajudar. Eu queria recusar, mas toda vez que tentava, ela fingia que não entendia japonês. *Que chata, sério*. E então não tive escolha a não ser aceitar. *Só espero que me paguem por isso.*

Ainda assim, não tinha pensado em festivais até agora. Quando pensava em verão, minha mente ia direto para a piscina e a praia, provavelmente por causa da experiência que tive indo lá. Mas nunca fui a um festival; meu relacionamento com minha família não era propício para esse tipo de coisa. Deixando essa lata de minhocas de lado, decidi refletir sobre a ideia de ir a um festival com a Shimamura.

O pensamento trouxe uma onda de luz para as minhas já deslumbrantes visões de verão. Além da janela, até o brilho da névoa de calor subindo do asfalto

parecia bonito. Assim, meus horizontes se ampliaram, e eu pude apreciar todos os pequenos detalhes que nunca havia notado antes. Uma pequena dose de otimismo me deu a tolerância de um santo.

Quando meu turno acabou, minha gerente veio se aproximando de mim como um pinguim. “Você tem que ir. Ok?”

“…Ok.”

Se ao menos eu não tivesse que trabalhar, poderia ter convidado a Shimamura… mas se não fosse pelo meu trabalho, nem teria lembrado que festivais existiam. Era um verdadeiro dilema — perfeito e frustrante. De vez em quando, eu queria poder viver minha vida como uma série de momentos felizes e descartar todo o resto. Gananciosa, eu sei.

“Falando nisso, o que vamos vender?”

“Karaage de frango.”

“Ah, sim.”

Nosso karaage de frango era longo e fino, como pequenos bastões. Sinceramente, não fazia ideia do que tinha de “neo-chinês” nisso.

Depois de trocar para minha roupa de rua, fiquei na sala de vestiário com ar-condicionado e peguei meu celular. Era hora de ligar para a Shimamura. Normalmente, sempre envio uma mensagem com antecedência para pedir permissão, mas dessa vez decidi pular essa etapa e ver o que acontecia.

Enquanto esperava ela atender, meus dedos começaram a formigar de nervoso. Esse era o meu tipo de aventura. E, depois de um momento, a empolgação foi se acalmando.

“Sim, sim, alô?”

“Oh…”

A voz da Shimamura! Meus ombros deram um pulo. Para mim, ela era um oásis no deserto; para o bem e para o mal, a dor e as palpitações deram vida a esse casco vazio que chamo de corpo.

“Gah! *Ei!*” ela repreendeu.

“Huh? Quê?!” Meus olhos se arregalaram.

“Oh, desculpa, as crianças estão mexendo comigo,” ela explicou. “Ei! Para de tentar subir na minha cabeça!”

Algo estava acontecendo lá. *Crianças, no plural?* Se não fosse só a irmã dela, talvez aquela estranha garota de cabelo azul também estivesse lá. Como elas estavam tentando subir na cabeça dela? Se pendurando nas costas ou algo assim? Não gostei nada de ouvir isso, independente de quem estivesse envolvido. Sinceramente, eu—

“Comporte-se, entendeu?”

“Ok.” Eu me encolhi.

“Não, não você, Adachi... embora você também devesse.”

“O quê?!”

“Estou brincando. Então, o que foi?”

A voz dela ficou mais suave; acariciava meus ouvidos e fazia meu coração acelerar até eu ficar tonta. Onde foi parar a versão de mim que conseguia conversar com a Shimamura sem ficar toda sem jeito?

“Uhhh... eu estava me perguntando como você estava...” Eu não tive coragem de ir direto ao assunto do festival de fogos de artifício, então acabei me esquivando.

“Eh, estou bem. Mais ou menos. Tá tão quente que não quero fazer nada, sabe?”

Eu podia ouvir o som de algo batendo no chão enquanto alguém gritava, “*Estou* ótima, obrigada!”

“Sim, sim, se você diz. Enfim, e você, Adachi?” “Eu... estou ótima, obrigada,” respondi, imitando de forma menos entusiasmada a outra voz. Ela soltou uma risadinha e isso fez minhas bochechas corarem.

“Você tem feito o dever de casa?”

“Hã? A gente tinha dever de casa?”

“Não!”

Ela começou a rir. Mais tarde, eu perceberia que ela estava me tratando como sua irmã mais nova.

“Acabei de sair do trabalho,” expliquei.

“Ahhh, entendi. Você ainda vai trabalhar no verão, né? Você é uma trabalhadora de verdade. Difícil acreditar que já foi uma delinquente,” ela provocou. Será que fui, mesmo?

“Enfim... hum... não que eu tenha muito o que falar, mas...”

“Bem, independente do que seja, manda ver.”

Eu sou péssima em transições entre assuntos. Falta aquela cola que junta tudo. Não, espera — talvez eu use *muito* dessa cola, sabe, de uma forma forçada e óbvia. Eu sabia que estava estranho, mas já tinha colocado isso na conversa, então agora era só seguir em frente.

“Não precisa ser agora nem nada, mas... em breve...”

“É?”

“Você gostaria de, hum, ir a um festival comigo?”

Isso realmente saiu do nada, me informou meu último resquício de objetividade. Houve uma pausa, como se Shimamura não soubesse como responder.

“Quando você diz *festival*, por acaso você está falando do festival de fogos de artifício que vai acontecer em breve?”

“Sim... Hum, quer dizer, não! Não precisa ser tão em breve — só em algum momento no futuro!” *Não que eu possa ir nesse de agora, de qualquer jeito. Quero dizer, eu vou, mas não para me divertir.* “As férias de verão só começaram, então, hum...vamos tentar achar um dia que a gente esteja livre ou...algo assim...”

Ela nem confirmou que queria ir, então eu já estava me adiantando demais. Tardiamente, percebi que estava praticamente fora da cadeira. Enquanto esperava pela resposta dela, o som da minha própria respiração soava forte e pesada nos meus ouvidos.

“...Tá bom, claro. Vamos fazer um plano para ir algum dia.”

Minha mandíbula caiu em puro encantamento enquanto um calor inundava meu peito. Algo no meu interior se inflamou. “Tá, legal... Ah, e não precisa ter fogos de artifício. Só um festival normal já tá bom...”

“Sim, eu sei. Eu sei como é com você.”

“O quê? H-hum... você sabe? Sério?”

Era estranho pensar que Shimamura me entendia. Era embaraçoso, mas também meio legal — completamente diferente da sensação que eu tinha quando eu a entendia.

Conversamos um pouco mais depois disso. Então ela me disse que era hora do jantar, e eu, relutantemente, terminei a ligação. O cansaço e a sensação de realização pesavam nos meus ombros como se eu tivesse acabado de correr uma maratona.

Endireitei a postura enquanto olhava para meu celular. Pelo que sentia nos ombros e nas bochechas, eu estava rindo — *espero que não de um jeito estranho*, pensei comigo mesma, mas ainda assim não fiz nenhum esforço para conter.

Ultimamente, eu passava todos os dias na busca pela Shimamura. Como um pássaro, eu circulava logo acima, esperando o dia todo pela chance de pousar em seus ombros. E quando finalmente acontecia, eu voava de volta, com a esperança de um dia retornar para fazer meu ninho.

Ela era meu objetivo — minha linha de partida e chegada. Talvez fosse exagero demais dizer que ela era meu suporte vital, mas, se fosse o caso, ainda assim, ela era inquestionavelmente minha luz guia.

Esse riso era toda a prova de que eu precisava.

***

“Eu quero pintar você.”

Eu já não estava esperando que a Tarumi me chamasse, e certamente não esperava que suas primeiras palavras fossem... *essas*. Por algum motivo, imaginei que não iríamos nos falar por mais três dias, quando ela provavelmente entraria em contato para combinar o local do nosso encontro para o festival de fogos de artifício. Então, como resultado, hesitei um pouco. Deixe de lado o motivo dessa reação emocional — o que diabos ela estava falando? Pintar?

“Uhh... vá em frente?”

“Não, não, não! Eu não posso pintar você a menos que a gente se encontre. O que eu quero dizer é: vamos sair, por favor!” ela explicou casualmente. *Ah, então essa é a sua desculpa. Entendi.*

“Que tipo de ‘pintura’ você quer dizer? Tipo, em uma tela, ou—?”

“É, isso mesmo.”

“...E você quer *me* pintar?”

“Exatamente.”

“Agora?”

“Sim.”

Olhei para fora, para o céu azul claro. Uma onda de luz atacou meus olhos, fazendo com que eu os apertasse. Ela realmente queria pintar nesse clima? *Bem radical.*

“…Certo.”

E lá estava eu, no ponto de encontro combinado: Rio Nagara, embaixo da Ponte Kinka. Eu já tinha passado por essa ponte várias vezes, olhando para os pescadores enquanto passava, mas fazia anos desde que coloquei meus pés no leito rochoso do rio. As pedrinhas brilhavam douradas sob o sol, estalando sob meus sapatos enquanto eu caminhava.

A cada passo, eu me perguntava se o sol não ia fritar minhas pernas por trás. Mas a temperatura estava mais fria aqui embaixo, como se para me lembrar de que eu estava em uma altitude mais baixa. Aqui, perto da água, o vento morno me deixava com vontade de algo a mais; enquanto ele girava ao meu redor, uma sinfonia se ergueu das pedras, tanto emocionante quanto irritante ao mesmo tempo. Isso era o verão, queimando minha pele.

Enquanto caminhava, olhava à distância. Da margem, eu tinha uma vista perfeita do Monte Kinka e do Castelo de Gifu. Quantos anos eu tinha da última vez que peguei aquele teleférico? Quanto mais velha minha irmã ficava, mais raros aqueles passeios se tornavam.

A Tarumi já estava aqui, montando sua tela no leito do rio. *Uau, ela trouxe até cavalete e tudo*, pensei comigo mesma, levemente impressionada. Eu estava esperando que fosse algo mais casual… *Ah, meu Deus*. Eu levantei a mão e segurei a aba do meu chapéu.

Para ser sincera, uma parte de mim teria apreciado um pouco mais de tempo para me preparar, já que eu seria uma modelo de arte. Não tive tempo de arrumar o cabelo, então coloquei esse chapéu para escondê-lo, e quando percebi o quão quente estava lá fora, soube instantaneamente que não valia a pena colocar maquiagem — eu acabaria suando durante o caminho até aqui. Mesmo assim, meio que desejava ter trazido um espelho. *Eu não estou com olheira nos olhos, estou?*

“Oh! Shima-chan!”

A Tarumi me avistou e levantou a mão em saudação; da mesma forma, eu a cumprimentei de volta. Então, fui até lá para dar uma olhada na tela. Não surpreendentemente, ela estava em branco. Mas até o final do dia, um retrato meu estaria ali… O pensamento me deixou tímida.

“Desculpa te surpreender com isso.”

“Tá tudo bem. Eu estava entediada mesmo.”

A pele pálida dela sugeria que ela ainda não tinha passado muito tempo ao sol do verão. Mas, embora estivesse usando manga longa, ela não estava usando chapéu... e por algum motivo, quando pensei nela pegando um bronzeado, me pareceu uma grande pena.

“Aqui.” Ela me ofereceu um guarda-sol preto. “Como o sol está tão forte, pensei em te pintar segurando um guarda-sol.”

“Que consideração da sua parte.”

O guarda-sol tinha o formato de um lírio preto; eu o segurei baixo, apenas sobre meu cabelo. Esse guarda-sol em particular priorizava a forma em vez da função, e não fazia muito para bloquear o sol.

“Ooh, você está ótima,” comentou a Tarumi quase que imediatamente — rápido demais para parecer genuíno.

“Você acha?”

“Sim... Mas, se quer saber minha opinião, você consegue fazer qualquer coisa parecer boa, então acho que sou tendenciosa,” ela respondeu apressada, tudo em uma única respiração. Então ela voltou a montar o cavalete. Talvez essa fosse a maneira dela de dizer: *Estou sendo legal, então não leve isso muito a sério.*

“Ha ha ha!” Consegui apreciar a honestidade dela.

Comecei a me afastar do cavalete, mas ela me impediu. “Aonde você vai?”

Então eu olhei ao redor e avistei uma cadeira dobrável montada por perto.

“Desculpa, mas minha visão não é lá essas coisas. Preciso que você fique perto, senão não vou conseguir ver todos os seus pequenos detalhes.”

“Ah, tá.”

Que pequenos detalhes? Eu me perguntei. Mesmo assim, fiz como foi instruído e me sentei na cadeira dobrável. Então, virei de costas para a margem e olhei para o rio. O sol se refletia na água e direto nos meus olhos; essa massa de luz era levemente perturbada pelos pescadores jogando suas linhas.

“Uma cadeira e um guarda-sol... Talvez eu devesse ter me vestido de maneira mais chique.”

Não que eu tivesse roupas chiques. A Hino provavelmente tinha algumas... Bem, *quimonos* chiques, pelo menos. Enquanto eu estava ali sentada, fui girando o guarda-sol pelo cabo, fazendo a sombra em forma de flor dançar sobre minha cabeça.

Então, finalmente, Tarumi pegou o pincel e olhou para mim por cima da tela. A ideia de que isso ia durar por horas me deixou com a nuca coçando. Eu nem conseguia virar a cabeça.

“Certo, lá vou eu!” ela anunciou, como se fosse lançar uma bola de softbol.

“Manda ver!” respondi, como se fosse o receptor.

Não exatamente a conversa mais artística que poderíamos ter tido, mas ainda assim, parecia... sazonalmente apropriado, eu acho? Para mim, o verão era a estação da diversão, enquanto o inverno era tudo sério e solene.

Então, sem tirar os olhos de mim, Tarumi começou a mover o pincel. *Não deveria observar o que está fazendo?* Eu me perguntei. Mas no momento em que fiz contato visual com ela, ela se escondeu atrás da tela como se fosse a Adachi.

Por que parecia que eu atraía um tipo muito específico de pessoa? Adachi, Tarumi, minha irmã... Eu não tinha mãos suficientes para as três, então só podia rezar para nunca chegar o dia em que as quatro acabaríamos no mesmo lugar.

“Eu não sabia que você era artista, Taru-chan,” comentei enquanto olhava para os materiais de arte espalhados ao redor dos pés dela.

“Bem, eu só comecei na semana passada.”

Isso explica, acho eu. “Você é bem determinada, hein?” Não faço ideia se eu usei essa palavra corretamente.

“Vai dar *tudo certo*, eu prometo. A gente sempre fez coisas de arte juntas, lembra?”

“Uhh... você quer dizer como a gente costumava rabiscar em folhetos antigos e tal?”

Pelo que eu me lembrava, Tarumi só desenhava pássaros, e eu, desenhava doces, principalmente. Talvez isso simbolizasse as diferenças centrais nas nossas personalidades ou algo assim.

“É, viu? Não tem como minha pintura da Shima-chan sair ruim...” Ela lançou um olhar rápido para a modelo. “Tomara.”

“Isso *seria* o ideal.”

Compartilhamos uma risada, e eu girei meu guarda-sol, fazendo os suaves rastros de luz solar dançarem sobre minha cabeça. Tarumi observou o movimento, depois voltou a pintar. *Não dá para culpar sua modelo se a sua arte sair ruim, Taru-chan.*

Se ela começou na semana passada... isso deve ter sido bem no começo das férias de verão.

“Esse é o seu hobby de verão...?”

Pensando nas minhas memórias da escola primária, desviei os olhos e ri. Enquanto isso, o rio seguia silenciosamente. Depois de dias e mais dias de tempo ensolarado, o riacho do bairro agora estava tão raso que dava para ver o fundo, mas não *o* monstro.

Em três dias, essa área inteira ganharia vida, e nós estaríamos bem no meio disso. Eu teria que ficar de olho para garantir que as mais novas não se perdessem — será que eu teria *tempo* de ver algum dos fogos de artifício? Eles mudaram de alguma forma desde a última vez que os vi, há muitos e muitos anos? Minha irmã estava ficando mais velha, os fogos estavam melhorando, e meus dias de ensino médio estavam pela metade... Eu realmente podia sentir a passagem do tempo.

“Isso me lembra! Lembrei,” Tarumi me chamou enquanto movia o pincel pela tela.

“Lembrou o quê?”

“Sobre sua irmã... ou mais precisamente, sobre você.” Ela deu uma olhada rápida em mim, as pontas dos cachos balançando suavemente na brisa do rio. “Só que você sempre foi uma boa irmã.”

“Você acha?”

“Sim. Lembro que você sempre cuidou bem dela.”

Ela falou com um tom suave e nostálgico que fez minha nuca coçar. Não importava o quão bonita fosse a memória, ela não significava nada para mim se eu não conseguisse me lembrar dela.

“...Se você diz.”

O que ela queria dizer com “cuidar bem dela”? Eu não conseguia lembrar. As únicas memórias que eu tinha do passado eram fragmentadas, como velhas

fotografias rasgadas. Naturalmente, não me lembrava de muita coisa sobre minha irmã especificamente, embora eu me lembrasse de acreditar firmemente que era meu dever como irmã mais velha protegê-la. Meus pais me ensinaram isso ou eu aprendi de algum outro jeito?

Olhando de forma abstrata, eu não sabia bem o que qualificava como cuidar bem de alguém. Não era algo tão simples como um abraço, disso eu tinha certeza.

“Ah, e se você ficar com sede, me avise.”

Tarumi se abaixou e pegou uma garrafa de plástico que estava diretamente no chão. O rótulo era azul brilhante, mas o conteúdo parecia chá de cevada; eu podia ver um bloco de gelo no centro, então ela devia ter congelado antes. Ela era tão atenciosa e cuidadosa, fiquei impressionada. Adachi também sabia ser atenciosa, claro, mas ela sempre exagerava um pouco — provavelmente pensando demais nas coisas, se eu tivesse que adivinhar. Isso me fazia rir, e eu sempre esperava isso quietinha quando estávamos juntas.

“Hã? Falei alguma coisa?”

“O quê?”

“Você está sorrindo de novo.”

Ela usou os dedos para esticar os lábios e fazer um sorriso exagerado. *Ah, não é possível, eu não estou tão estranha assim… estou?*

“Não é nada. Só lembrei de uma coisa engraçada.”

Eu vagamente lembrava de ter tido essa mesma conversa em algum momento do passado. O que eu estava fazendo, me desligando do mundo assim, na frente dos outros? *Melhor eu me recompor antes que vire a Adachi.* Depois disso, fiquei ali com a expressão perfeitamente séria, como uma modelo de verdade.

“Shima-chan, seu rosto está ficando vermelho. O calor está te afetando?”

“Ah, não… sim.”

Eu tinha forçado tanto a minha expressão que agora Tarumi estava preocupada comigo. Eu podia vagamente sentir minha cabeça ficando mais e mais lenta, mas decidi culpar o clima. *Maldito sol derretendo meu cérebro.*

Do outro lado da margem, crianças andavam de bicicleta, respirando aquele ar abafado. Nenhuma sombrinha à vista, todas destinadas a ficarem queimadas de sol. Já tinham se adaptado ao verão.

Enquanto trabalhava, Tarumi conversava sobre uma variedade de assuntos, provavelmente para evitar que eu ficasse entediada; fiquei impressionada com a habilidade dela de falar e pintar ao mesmo tempo. E quando eu perguntei por que ela de repente se interessou por pintura, ela me disse…

“Bem, eu precisava de algo que pudesse nos aproximar, *hum*. Quero dizer, isso é parte disso. Mas é, eu só queria imortalizar você enquanto ainda havia tempo. Nunca se sabe quando a gente pode não se ver de novo, sabe? Claro, eu vou me esforçar para evitar isso, mas às vezes não tem esforço suficiente que resolva o problema. E se as coisas forem acontecer mesmo dessa forma, então... eu gostaria de ter uma lembrança.”

“…Interessante.”

Admito que uma parte de mim estava inclinada a concordar. Nós duas sempre estivemos bem uma com a outra, mas a vida nos separava de qualquer forma. Talvez a nossa conexão não fosse um adesivo forte o suficiente para nos manter unidas... e, se fosse esse o caso, Tarumi acabara de esclarecer qual seria a escolha dela quando a situação exigisse. Isso me fez refletir bastante.

Talvez fossem as boas memórias que nos lembravam do que realmente importava. Talvez fosse isso que nos fazia seguir em frente sem olhar para trás.

Enquanto ela falava, eu segui a trajetória do sol e me perguntei se isso ia acabar antes de escurecer. Mas, bem, os dias de verão geralmente são bem longos, então provavelmente teríamos tempo. E, no fim, não demorou tanto assim. Eu não estava de olho no relógio, então não poderia dizer com certeza, mas acho que levou umas duas ou três horas no total.

Graças a Deus acabou.

“Bem, terminei...” Tarumi sorriu timidamente. Ao olhar mais de perto, percebi seus músculos faciais se contraindo. “Quer ver?”

Essa foi provavelmente a pergunta mais assustadora que ela já me fez. “Não está, tipo, no nível de precisar desinfetar o cérebro, né?”

“Bem, eu não acho... Espero que não...”

Não consegui perceber se ela estava só insegura ou se realmente achava que tinha ficado ruim, mas de qualquer forma, minha curiosidade mórbida venceu. Não é como se ela tivesse se esforçado tanto e me transformado em um monstro maluco com sete bocas... provavelmente.

Levantei-me, e o calor que havia se instalado na parte de trás das minhas pernas se dissipou. Então, estremeci ao sentir a sensação escorrendo até meus

sapatos. Lentamente, caminhei até o outro lado da tela para ver a última obra-prima da Mestre Tarumi... “O quê?”

A qualidade estava tão além do que eu esperava, que me deixou completamente desconcertada.

“O que aconteceu?”

“Uhh… Tô tentando pensar em uma forma de dizer isso que não soe ofensiva…”

“Uau, valeu!”

“…Sua arte é tão boa, eu me arrependo de ter pensado que não seria.”

Estava tão perfeita que qualquer um saberia de imediato que era eu — meu penteado, o guarda-sol, a cadeira, tudo. Apontava para cada parte como se fosse um daqueles “jogos dos 7 erros”. Ela tinha capturado a textura do meu cabelo, as proporções do guarda-sol, a sombra da cadeira... Não tinha nada a ver com os rabiscos que eu fazia durante a aula. Será que isso realmente era o nível de habilidade dela depois de apenas uma semana? Eu a observei por um momento.

“Taru-chan, você é uma prodígio ou algo assim?”

“Nah! Hah hah!”

Por que você está falando como um caipira de repente?

Ela começou a tossir, depois desviou o olhar. “Você me pegou. Para ser completamente honesta… não comecei há uma semana.”

“Sério?”

Ela coçou a nuca de forma desconfortável. “Na verdade, comecei a praticar quando a gente se reencontrou no inverno passado. Eu tenho uma foto que tiramos juntos há um tempo, então usei ela como referência e… é isso. Desculpa.”

Sinceramente, era uma mentira tão inofensiva que eu realmente não via necessidade dela se desculpar… mas agora tudo fez sentido. “Ah, isso explica tudo.” Olhei para o meu retrato pintado.

“Explica o quê?”

“Bem… meu rosto aqui tá meio jovem.”

Minha expressão estava tão inocente que você poderia me confundir com a Yashiro — o tipo de ingenuidade de olhos arregalados que faria pessoas mais

sábias se preocuparem. Mas essa expressão já não fazia parte do meu repertório. Ela estava mesmo olhando para o meu rosto real o tempo todo? Ou eu fiquei ali, suando à toa? Ainda assim, mesmo que a pintura tenha me deixado com mais perguntas do que respostas, era uma ótima obra de arte.

“Obrigada por me fazer parecer bem,” falei, entregando a caricatura exageradamente fofa de volta para ela. Talvez todo mundo olhasse para os amigos com óculos cor-de-rosa.

“Hã? Não, não!” Ela balançou a cabeça com força.

"O quê, você não acha que eu fico bem?" brinquei.

"Não, não é isso. Quer dizer, tipo... a Shima-chan de verdade é... hum... m-muito mais fofa do que eu poderia capturar! Ou algo assim!" ela disparou, olhando para o chão.

Isso é um elogio, né? Ou algo assim?

"Eu só estou tentando... diminuir nossa... distância."

Ela olhou para cima, os olhos arregalados e o queixo erguido — não era a expressão mais lisonjeira. Mas foi com esse impulso que ela envolveu minha mão na dela.

"Será que você poderia posar para mim de novo alguma vez? Eu quero continuar pintando você até acertar direitinho."

Um pedido apaixonado, de mãos dadas... Isso foi o suficiente para me fazer suar de novo. Seus olhos pareciam umedecidos por algum tipo de emoção.

"Uh... claro." Sobrecarregada pelo... entusiasmo (?) dela, eu acenei com a cabeça.

Fiquei tentada a perguntar "por que eu?" mas não queria ser rude. Havia tantas coisas nesta cidade — tantas pessoas, tantas coisas — e, ainda assim, de algum jeito, Tarumi *me* escolheu. Não poderia afirmar que entendo isso, mas achei que provavelmente não era tão profundo quanto eu estava imaginando.

Ela parecia intuir que estava me deixando sem fôlego, porque retirou a mão. "Ah, sim, você gostaria de pegar um sorvete na volta pra casa? Se quiser", ela sugeriu, com a voz meio trêmula.

Um docinho para vencer o calor. "Sim, parece bom." Eu podia sentir meu rosto se iluminando como fogos de artifício, como se fosse uma criança que tinha pacientemente suportado uma função social chata apenas na esperança de uma recompensa açucarada. *Honestamente, nem estava tão longe disso, eu acho.*

Depois que Tarumi guardou todas as suas coisas, nós duas subimos de volta pela margem do rio. No meio do caminho, os raios do sol poente pressionaram meu ombro com um peso palpável, como se a gravidade em si tivesse aprendido a brilhar. Era uma ilusão única da estação de verão, e por um momento, eu me senti meio tonta.

"Shima-chan?"

Eu parei, e Tarumi olhou para trás para mim. Após uma pausa, sorri.

"Estou apenas aproveitando o verão, só isso."

Com os braços estendidos, virei-me para encarar o céu brilhante e úmido. De forma brincalhona, estiquei os braços como se estivesse tentando arranhar o céu. Eu podia sentir o vento sob as minhas unhas... Ainda assim, quem sabe, talvez fosse isso que significasse tocar o céu.

***

Foi por volta do meio-dia que percebi que tinha esquecido algo na sala de aula. Não era um erro catastrófico de forma alguma, mas ainda assim — congelei por um momento, segurando minha mochila.

O que eu tinha esquecido, você pergunta? Meu caderno. Honestamente, você pode se perguntar por que eu trouxe um caderno no último dia do semestre, mas este não era um caderno comum — era o meu Caderno da Shimamura. E com base nesse nome, aposto que você consegue adivinhar o tipo de coisa que estava escrito dentro.

Como a escola estava parada por conta férias de verão, as chances de alguém ir até a sala de aula e encontrá-lo acidentalmente eram praticamente nulas. E ainda assim... caso alguém lesse seu conteúdo... Não, não *qualquer pessoa*; eu não me importava com todas aquelas outras pessoas. Mas se, em um cruel giro do destino, *a própria Shimamura* acabasse lendo, eu literalmente morreria. Vapor sairia das minhas orelhas e, então, minha cabeça explodiria. Sem exageros.

Especialmente aquela parte! Pensei comigo mesma, enquanto revisava mentalmente o conteúdo do caderno. A memória foi o suficiente para fazer meu coração disparar; meus olhos se arregalaram, sem piscar. Eu só tinha trazido ele comigo porque sabia que Shimamura estaria na cerimônia de encerramento, o que, por sua vez, foi minha ruína.

Então, o que eu faço? Volto para pegar ou deixo lá até segunda-feira?

Eu sabia que o campus permanecia aberto para atividades dos clubes, mas será que o mesmo se aplicaria ao prédio da escola? Será que me deixariam entrar com a permissão de um professor? Eu nunca tinha tentado ir à escola durante as férias, então não sabia como funcionava, e também não conhecia ninguém a quem pudesse perguntar. Enquanto me debatia sobre o que fazer a respeito disso, percebi que automaticamente estava me preparando para sair de casa. *Aparentemente, decidi que vou*, pensei comigo mesma, como se fosse uma observadora externa. Então, decidi deixar o pensamento para depois.

Como de costume, ninguém mais estava em casa. Então tranquei a casa vazia e saí de bicicleta, como sempre… mas alguns minutos de sol depois, comecei a desejar ter usado um chapéu. *Por que o verão tem que ser tão quente?* Pensei, parecendo uma idiota. As noites de verão são superiores de todas as maneiras. Tudo o que eu realmente precisava era das luzes do festival e… Shimamura ao meu lado, espero.

Enquanto estava fora, decidi pegar um caminho diferente — não que estivesse realmente planejando dar uma olhada no lugar ou algo do tipo. Mas, ainda assim, desviei da minha rota usual até a escola e tomei um desvio pela rua que dava para o rio, onde o festival estava marcado para acontecer neste final de semana. À noite, as calçadas seriam alinhadas com barracas coloridas de festival, e eu estaria trabalhando em uma delas.

Honestamente, fazia muito tempo desde que participei de um festival, *seja qual fosse* a minha função. A última vez foi em um passeio em família, e eu não lembrava muito, exceto pelas multidões sufocantes — não tinha memórias de fogos de artifício brilhando no céu. Eu não era apática a eles, mas… aquelas faíscas soltas simplesmente não acendiam nada dentro de mim.

Agora, porém, meu coração se *elevava* só de pensar em um festival de fogos de artifício. Não tínhamos nenhum plano concreto ainda e, infelizmente, não conseguiríamos nos encontrar no grande evento deste final de semana, mas mesmo assim eu desejava isso. Shimamura havia me mudado.

Instintivamente, parei a bicicleta e imaginei como seria ir a um festival com ela. Ignorando os raios de sol batendo sobre mim, desci da bicicleta.

“Aqui mesmo, desse jeito…”

Fiz um gesto no ar vazio para criar a minha Shimamura imaginária. Em um piscar de olhos, eu conseguia visualizar a noite, com barracas de comida posicionadas de costas para o rio. *Deus, estou em um estágio terminal.*

Eu e Shimamura andaríamos lado a lado, mas seria tão lotado que *teríamos* que nos segurar pelas mãos para não nos separarmos. Eu provavelmente iniciaria isso, e Shimamura aceitaria com um sorriso cansado. As mangas dos nossos

yukatas se roçariam uma na outra, e eu sentiria as solas dos meus pés latejando.

Ocasionalmente, alcançaríamos nossos enfeites de cabelo combinando e os tocaríamos enquanto caminhávamos pela rua pouco iluminada. Seguindo a luz difusa das lanternas do festival, acompanharíamos o fluxo de pessoas — e graças à densidade da multidão, estaríamos um passo mais próximas do que o habitual. Às vezes, nossos ombros se roçariam.

Com o cabelo preso, o pescoço nu de Shimamura mudaria completamente a sua estética… e eu me veria tanto perplexa quanto encantada com isso. Então, enquanto ela sorria suavemente, um feixe de luz surgiria à distância, atrás dela. Fogos de artifício estourariam um após o outro, e nós seríamos tingidas pelas cores misturadas das faíscas cruzadas. Isso seria a verdadeira base do verão… mais bonito do que qualquer maquiagem que Shimamura pudesse usar…

Eu podia praticamente ouvir o canto das cigarras, mesmo que não houvesse nenhuma árvore à vista. Estava suando litros durante todo o tempo em que sonhava com isso; a luz do sol queimava meus olhos, acrescentando um tom esverdeado a tudo ao meu redor. A realidade estava me cozinhando viva.

E então, voltei rapidamente para minha bicicleta.

Mas mesmo enquanto voltava a pedalar, os pensamentos sobre o festival ainda pairavam em minha mente. O que eu usaria? Festivais de verão geralmente

significavam yukatas, certo? Decidi que faria uma parada no shopping na volta para comprar um — melhor prevenir do que remediar. Por mais que eu quisesse ver Shimamura de yukata, já conseguia prever que para ela seria "muito incômodo". Ela se daria ao trabalho de vestir um, se eu pedisse? *Talvez... Não, talvez não...* Era difícil de dizer.

À beira do rio, além de alguns pescadores, vi uma garota em pé diante de uma tela. Estava longe o suficiente para não enxergar muito bem, mas parecia que ela tinha outra garota modelando para ela, segurando um parasol preto e olhando para o rio. *Não acho que conseguiria fazer isso nesse calor*, pensei, levemente impressionada. Então, voltei minha atenção para a frente.

Achei que reconhecia a garota na tela, mas não consegui identificar imediatamente, então apenas ignorei. Evidentemente, ela não era tão importante — mas, pensando bem, quantas pessoas na minha vida realmente eram? Havia algum sentido em contá-las em uma só mão?

Eventualmente, completei o longo desvio e cheguei à escola, com o cabelo ardendo de calor. Podia ouvir os gritos de algum time esportivo, seguidos, um instante depois, pelo lamento das cigarras que, aparentemente, haviam montado acampamento nas árvores. Ao contrário de casa, onde o som era suave, aqui parecia uma orquestra inteira, ecoando sobre minha cabeça.

Passei pelos portões da frente e estacionei minha bicicleta na área designada, como faria em um dia de aula. Como era férias de verão, naturalmente, todos os lugares estavam disponíveis, mas, ainda assim, estacionei na seção destinada à nossa turma. De modo geral, meu cérebro sempre sacrificava a eficiência em nome do conforto da rotina. Talvez fosse apenas parte da minha personalidade.

Depois de cuidar da bicicleta, comecei a caminhar ao longo da lateral do prédio, me escondendo do campo de esportes. Não sabia bem por que sentia a necessidade de fazer isso, já que realmente não importava se alguém me visse, mas, de qualquer forma, cheguei à entrada principal do prédio escolar. Não havia contatado nenhum dos professores, mas achei que sempre poderia encontrá-los mais tarde. Experimentalmente, peguei a maçaneta.

A porta estava pesada, mas, surpreendentemente, abriu sem dificuldades. Por um momento, empurrei-a para frente e para trás, maravilhada por ter dado certo. Então, olhei para a esquerda — ninguém. Olhei para a direita — ninguém. Apenas as cigarras, com seu som alto e irritante. Eu não sabia se tinha *permissão* para entrar, mas de qualquer forma, *podia* entrar.

Então, entrei.

Nos armários de sapatos, tirei os meus, mas em vez de trocá-los pelos sapatos internos, simplesmente os levei em uma mão e subi as escadas de meias. Quando cheguei no segundo andar, coloquei os sapatos embaixo do braço e me

agachei enquanto passava pela janela. Me senti como uma ladra, e se alguém me visse, provavelmente pensaria o mesmo, então me movi rapidamente.

Não havia ninguém nas escadas, e ninguém no corredor. Enquanto me arrastava em silêncio, a vista pela janela quase não parecia real. O céu azul silencioso e as nuvens flutuando pareciam mais uma pintura que alguém havia pendurado para mim com antecedência.

Foi nesse momento que percebi: Por mais desconfortável que fosse passar cada minuto da minha vida em grandes grupos, “escola” realmente não poderia existir sem todos os alunos e professores. Sem eles, isso seria apenas outro prédio.

Enquanto me esgueirava pelos corredores de meias, ouvia sons além dos meus próprios passos — o ruído ambiente dos clubes internos nos andares superiores. *Ah, claro. Deve ser por isso que a porta da frente estava destrancada*, pensei comigo mesma, acelerando o passo. Não sabia se isso era uma política comum a todas as outras escolas, mas parecia um pouco inseguro. Não que houvesse muito o que roubar, mas ainda assim, qualquer pessoa estranha poderia entrar. Pessoas estranhas como eu.

Então cheguei na sala de aula, e quando deslizei a porta, o ar quente e abafado veio rapidamente em minha direção. Atacada pela umidade do verão, praticamente podia *sentir* o suor escorrendo ao limpar o rosto.

A diferença de temperatura entre a sala e o corredor era até impressionante, considerando que havia apenas uma porta fina entre eles. Se isso continuasse se acumulando, será que espontaneamente pegaria fogo? Então percebi: Não, as férias de verão não eram longas o suficiente para isso acontecer. Embora o calor do verão muitas vezes *parecesse* eterno, o leve frescor do outono geralmente o dissipava antes que fosse tarde demais.

Sozinha, atravessei a sala e fui até a minha mesa, me agachando para dar uma olhada dentro. Como esperado, meu caderno estava exatamente onde eu o deixei. Nenhum sinal de que alguém tivesse mexido nele. *Graças a Deus.*

Para ter certeza, folheei-o até chegar à passagem mais perigosa. A lembrança daquela parte já foi suficiente para apertar meu coração, e quando a vi de novo, congelei. Não havia dúvida: Se Shimamura lesse aquilo, minha cabeça simplesmente explodiria. Era tão além de apenas "embaraçoso". Pior que isso, um pesadelo completo se desenrolaria depois — para ser direta, Shimamura pensaria que eu era uma pervertida e começaria a me evitar. Nos dias de hoje, esse era o meu maior medo… provavelmente porque era muito mais realista do que a minha própria morte.

Fechei o caderno. Esta seria a última vez que eu ficaria longe dele; teria que tomar mais cuidado para garantir que essa situação nunca mais acontecesse. Após essa silenciosa promessa, me virei e saí da sala.

Alguns passos depois, parei na mesa da Shimamura e espreitei para ver se ela havia esquecido algo. Mas não havia nada lá dentro, nem poeira. Enquanto levantava a cabeça, algo passou pela minha mente.

"Isso me lembra..."

Era algo de que havíamos falado há um bom tempo, no segundo andar do ginásio. Naquela época, acredite ou não, eu conseguia manter uma conversa como uma pessoa normal. Agora, me sentia como outra pessoa completamente... deixa pra lá.

"Eu sempre quis fazer uma pequena travessura uma sala de aula vazia", Shimamura tinha me dito. Na hora, eu simplesmente dei de ombros com um desinteressado "Hmm", mas não havia nada que eu pudesse ignorar sobre Shimamura agora. Enquanto me lembrava daqueles dias passados, cruzei os braços. Que tipo de travessura ela estava falando, afinal? A única "travessura" que ela tinha feito comigo foi aquela vez em que descansou o queixo na minha cabeça. A menos que meu crânio tivesse se transformado em massinha de modelar, provavelmente não conseguiria fazer isso sozinha.

Pensei por um longo tempo, indo de um lado para o outro entre as mesas. Parece que andar de um lado para o outro era um hábito meu sempre que precisava pensar. Mas, assim como meus pés, minha cabeça só seguia em círculos. Depois de um bom tempo caminhando, o suor escorrendo me fez parar.

Não havia nenhuma regra dizendo que *precisava* ser uma travessura. E se eu pensasse sobre a Shimamura de maneira abstrata?

Se a Shimamura estivesse aqui, o que ela estaria pensando agora? O funcionamento interno da mente dela era, na maioria das vezes, um mistério completo para mim, então parei para realmente refletir sobre isso.

Eu me esforçava todos os dias para entendê-la; era para isso que servia meu Caderno da Shimamura. Dito isso, *parecia* que eu acabava pensando demais na maioria das vezes.

Uma névoa abafada percorreu minha mandíbula. Levantei a mão para tocá-la… e encontrei minha resposta.

Se Shimamura estivesse aqui, ela notaria o calor e tomaria uma atitude para resolver isso.

Ao perceber isso, minhas pernas se moveram automaticamente até as janelas. Então as abri, uma por uma, para melhorar a circulação de ar na sala. Tecnicamente, também contava como uma travessura, então estava matando dois coelhos com uma cajadada só. Não que eu estivesse planejando deixá-las abertas ou algo assim.

Eu me afastei das janelas e caminhei até o centro da sala. Como se fosse combinado, todos os sons de fora entraram de uma vez, e pude sentir a corrente de ar rugindo contra minha pele, girando ao redor do espaço recém-aberto.

Mais uma travessura no caminho.

Me sentei em uma mesa, com as pernas abertas. Isso era algo que eu nunca conseguiria fazer se houvesse outras pessoas por aqui. Seguindo a força da gravidade, mergulhei em meus próprios pensamentos e soltei um suspiro profundo. Podia ouvir o sangue pulsando em meus ouvidos… Se Shimamura estivesse aqui, ela sorriria para mim?

Então, uma nuvem passou sobre o sol. Por um breve momento, o calor diminuiu, e sombras se espalharam pelo chão no lugar da luz. Nesse exato momento, as cortinas flácidas começaram a balançar suavemente, me informando que o vento havia chegado. Abri os braços e saboreei o máximo que pude. Estava apenas morno, mas ainda assim respirei fundo, rezando para que aliviasse meu peso enquanto se apressava para o futuro à frente.

E então, no dia do festival, olhei para o azul profundo.

***

“Hoje provavelmente vamos comer algo enquanto estivermos fora, então não se preocupe em fazer o jantar pra gente,” eu disse para minha mãe, enquanto ela ralava o gengibre para o almoço. *Ugh, vamos comer somen de novo? Eu sei que o pai trouxe alguns como presente, mas quanto mais disso ainda tem?*

Enquanto isso, minha mãe fez uma dancinha de vitória. “Você vai com ela, né?” ela perguntou para minha irmã mais nova.

“Aham,” ela assentiu.

Minha mãe soltou um suspiro estranho, cheio de nostalgia. “Sabe, u fico impressionada que você esteja disposta a se sujeitar àquela multidão nesse calor.”

Fala sério.

“Bem, a gente não consegue ver os fogos de casa…”

“Mas dá pra ouvir, né? Enfim. Você quem manda, Onee-chan,” minha mãe brincou, me dando um tapinha cruel no ombro.

Ela estava fazendo isso de propósito, *sabendo* como eu me sentia a respeito. Ela era uma bruxa sem coração. E ultimamente, os tapinhas dela estavam mais fortes do que nunca, provavelmente porque ela estava sempre indo para a academia local.

“Falando nisso, vocês querem usar yukatas?” Ela esticou os braços, balançando as mangas imaginárias.

“Pra quê?”

“Todo mundo usa em festivais, lembra?”

“Ahhh, é verdade. Hmmm.”

Usar um yukata me parecia um esforço exagerado, então eu estava um pouco... *resistente* à ideia. Algo estava me impedindo, mas eu não conseguia identificar o que era.

“Ah, eu quero usar um!” minha irmã gritou, levantando a mão.

Yashiro olhou ao redor para nós, depois levantou as duas mãos para participar. “Uuuuuu!”

Ah. Nem vi você aí. “Só pra deixar claro, yukatas *não* vêm com doces grátis.”

“...Uuuuuu...” As mãos de Yashiro foram lentamente retraídas.

“Será que a gente *tem* yukatas?”

“Claro que temos,” minha mãe respondeu, colocando uma mão na cintura com um ar de arrogância. “Eu tenho uns que eu usava quando era mais nova. Estão guardados, então devem estar bem... acho...?”

Ela parecia perder a confiança rapidinho, porque correu para o quarto com as gavetas de roupas. Em um piscar de olhos, ela estava de volta — claramente a academia também melhorou a sua velocidade. Ela estava carregando dois yukatas, todos dobrados, o vermelho em cima do turquesa. Não consegui distinguir os padrões, mas as cores pareciam envelhecidas e sem vida.

“Eu coloquei bolinhas de naftalina com eles, então devem estar bem... na teoria.”

“Por que você tem que sabotar suas próprias palavras sempre...?”

Ela entregou a pilha para minha irmã, que abriu o yukata vermelho e gritou de alegria.

“Que roupas estranhas vocês têm,” Yashiro comentou, espiando de lado. *Nada mais estranho que o seu chapéu, garota.*

O chapéu em questão era alto, fino e feito de algo que pareciam ser ramos trançados. Através das lacunas, eu conseguia ver folhas verdes e vinhas; reais ou falsas, não dava para saber. Combinado com a cor do cabelo dela, ela parecia uma personagem de conto de fadas. Então, o que ela estava fazendo de pé na *nossa* cozinha, comendo *nossos* biscoitos de arroz?

“Quer usar um, Yachi?”

“Sim, talvez seja uma boa ideia aprender mais sobre a cultura terrestre.”

Sem perder tempo, Yashiro tentou pegar o yukata vermelho da minha irmã, mas ela desviou com destreza. “*Você* fica melhor em cores frias!”

“Isso não *é* verdade.”

“É verdade, sim! Você vai ver! Agora experimente o azul!”

“Gyaaaah!”

Minha irmã desenrolou o yukata turquesa e começou a correr atrás da Yashiro. Nenhuma das duas estava realmente se esforçando; elas corriam em círculos, saindo para o corredor e voltando logo em seguida. Sinceramente, *eu* não seria pega fazendo exercício nesse calor. Já estava suando apenas por existir na ausência de um ventilador.

Enquanto minha mãe observava as duas correndo ao redor, começou a murmurar em voz alta para si mesma. “Hrrrmmm…”

“O que foi?” perguntei.

“Aquela garota corre *exatamente* como você corria.”

“……”

“Estou falando de quando você era mais nova. Não se lembra?”

"...Não," menti. Minha testa parecia levemente quente.

"Você era tão fofa naquela época."

"Meu Deus, mãe, você fala como se eu não fosse mais fofa agora."

"Não é mesmo."

Ela concordou sem nem sequer esboçar um sorriso. *Bem que podia, sei lá... entender indiretas.*

"Quem sabe agora você se endireita."

Ah, para de encher o saco.

"Então, você também quer usar um yukata?"

"Vou passar. Acho que só vou usar minhas roupas casuais."

Falando honestamente, minha postura não era muito diferente da minha mãe — eu estava satisfeita apenas vagando mentalmente no meu quarto e ouvindo os estouros e estalos ao longe. Claro, eu não via as cores, mas minha imaginação podia preencher as lacunas.

"Crianças, voltem aqui! Está na hora de comer o macarrão!"

"Chegandooo!"

Yashiro voltou correndo para a sala, agora vestindo o yukata turquesa. *Isso foi rápido*. E, com certeza, parecia muito melhor nela do que o vermelho. Ela se sentou à nossa mesa da cozinha como se morasse aqui. "Esse macarrão *hiyamugi* é sempre uma delícia."

Não era hiyamugi, era — bem, tanto faz. Dá na mesma.

E assim passei o tempo observando a garota vermelha e a garota turquesa correndo por aí, sendo arrastada para as brincadeiras delas de vez em quando. Então, antes que eu percebesse, a noite havia chegado. Enquanto me borrifava com repelente de mosquitos, descobri que já tinha uma picada na lateral da coxa; no instante em que cocei, começou a arder. *Bem, isso deu errado.*

Lá fora, as cigarras gritavam incansavelmente. O céu ainda carregava traços suaves do azul da tarde, mas agora uma lua igualmente azul pairava ao lado dele. Sem o halo de luz ao seu redor, eu podia ver todas as crateras em sua superfície. Durante a temporada em que o sol sempre insistia em ficar mais tempo do que deveria, a lua e eu nos víamos bastante. Parecia... de alguma forma *mais próxima*. Continuei olhando para ela, meio esperando que caísse do céu.

Desde que eu era criança, sempre quis ir ao espaço pelo menos uma vez na vida — só para tirar o cochilo perfeito, flutuando em gravidade zero. O que eu perceberia ao me libertar do chão sólido?

Enterrada sob o calor sufocante e opressor do verão, eu só conseguia alcançar a lua em devaneios.

Ao meu lado, Yashiro prontamente pegou minha mão e apertou firme, esmagando a parte mais frágil do meu coração com seus dedos macios. Ela era tão confiável — uma inocência no sentido mais puro da palavra — e tocá-la era como mergulhar minha mão em água fresca de primavera. Aliás, até as cores dela combinavam com isso. Será que essa "alienígena", autoproclamada, tinha tocado a lua com essa mesma mão?

Olhei para minha outra mão, livre, e a ofereci na direção oposta. "Aqui."

Como esperado, minha irmã olhou para mim, desconfiada. "P-por que *isso*?!" ela protestou. Seu yukata vermelho era decorado com borboletas dançantes, e, com o cabelo preso, ela parecia muito mais madura do que o normal. Palavra-chave: *parecia*.

Enquanto eu esperava com a mão estendida, ela acabou aceitando timidamente. Isso me lembrou da pesca, o que trouxe à mente memórias de Hino puxando sua última captura no lago de pesca. "Peguei uma!" declarei, levantando meu prêmio bem alto no ar.

"Grraaahh!" Ela lançou uma cabeçada no meu traseiro.

"Vou te punir por isso."

"*Grraaahh!*"

Quanto ao tipo de punição, vou deixar à sua imaginação.

Depois disso, nós três partimos pela rua. Tínhamos um longo caminho até o rio, onde o festival acontecia; se nossa casa fosse mais próxima da estação de trem, poderíamos ter pego um ônibus ou algo assim, mas parecia uma alternativa preguiçosa, de algum jeito.

"Ah, isso me lembra..."

Algo parecido tinha acontecido no inverno passado também. Eu lembrava vagamente de ter esbarrado na Hino naquela época. E quanto a este festival? Será que ela estaria nele? Se sim, era certo que Nagafuji estaria com ela.

As duas eram realmente inseparáveis. Será que elas nunca se cansavam de ver os rostos uma da outra? Das vozes? Dos jeitos? Será que a amizade delas nunca parecia exaustiva? Ou eu era só um monstro insensível por ter esses pensamentos? Por outro lado, eu nunca me cansava da minha *família*, então talvez Hino e Nagafuji se vissem como uma extensão disso.

Caramba, isso é louco. Eu não sabia que qualquer relacionamento podia ir além da família.

Depois de Hino e Nagafuji, a próxima pessoa que veio à mente foi Adachi. Será que eu deveria ter convidado ela? Pensei nisso por um momento, então olhei para minhas mãos.

"Hmmm."

Assim que ela descobrisse que Tarumi e as crianças estariam lá, provavelmente teria recusado.

Embora não parecesse, eu já conhecia Adachi há um ano inteiro, e tinha uma noção razoável de como sua mente funcionava. Ela era completamente antissocial, e, sempre que alguém assim se juntava a um grupo de pessoas normais, acabava deixando os dois lados desconfortáveis. Mas ela entendia isso sobre si mesma, então, de certa forma, dava para dizer que era uma pessoa bem consciente.

Ainda assim, ela parecia *sempre* querer minha atenção. Talvez fosse mais fácil para ela se relacionar comigo do que com qualquer outra pessoa. Por que será que ela gostava tanto de mim? Eu até poderia perguntar, claro, mas já conseguia imaginar seu olhar apavorado, desviando para todos os lados enquanto ela gaguejava. A ideia me fez rir sozinha.

Então, decidi adotar uma postura tranquila. Certo, talvez eu não a tenha convidado desta vez, mas haveria outras oportunidades para irmos a um festival juntas. Já tínhamos conversado sobre isso, e ainda havia muito verão pela frente. Além disso, seria um desperdício de férias enfiar planos em todos os dias. As férias de verão tinham acabado de começar, afinal.

Honestamente, eu me sentia assim todo ano, mas o último dia de férias sempre me pegava de surpresa. Era trágico.

Enquanto nos aproximávamos constantemente do local do festival à beira do rio, o fluxo de pessoas começou a se concentrar em uma única rua. Ao olhar ao redor, fiquei surpresa ao notar que *muitas* pessoas estavam vestindo yukatas — praticamente todas as garotas, na verdade. Então olhei para mim mesma. *Ah, droga.* Como uma tola, eu estava vestindo uma camiseta simples e shorts, antecipando o calor.

Ah, tanto faz. Mais importante, estava começando a ficar lotado. "Segurem firme, vocês duas."

Se eu perdesse essas crianças de vista, seria um pesadelo tentar encontrá-las novamente. Bem, talvez não a com o cabelo azul brilhante.

"Não somos bebês, sabia?"

"Espremee, espremee, espremee!"

As reações verbais foram opostas, mas ambas obedientemente apertaram firme.

O fluxo da multidão nos levou por um grande hotel em direção ao parque. Não havia arquibancadas ou lugares pagos, então o ponto focal dessa aglomeração era encontrar um espaço para sentar. Muitas pessoas acordaram bem cedo para acampar *horas* antes, então atrasados como nós não tinham chance de conseguir um lugar com uma boa visão. Pessoalmente, eu não tinha interesse em gastar minha energia competindo por isso. O objetivo dos fogos de artifício era serem lançados bem alto no céu, então um pouco de distância estava bom para mim. Falando nisso, já podia ouvir os estouros ao longe.

"...Ah, ali está ela."

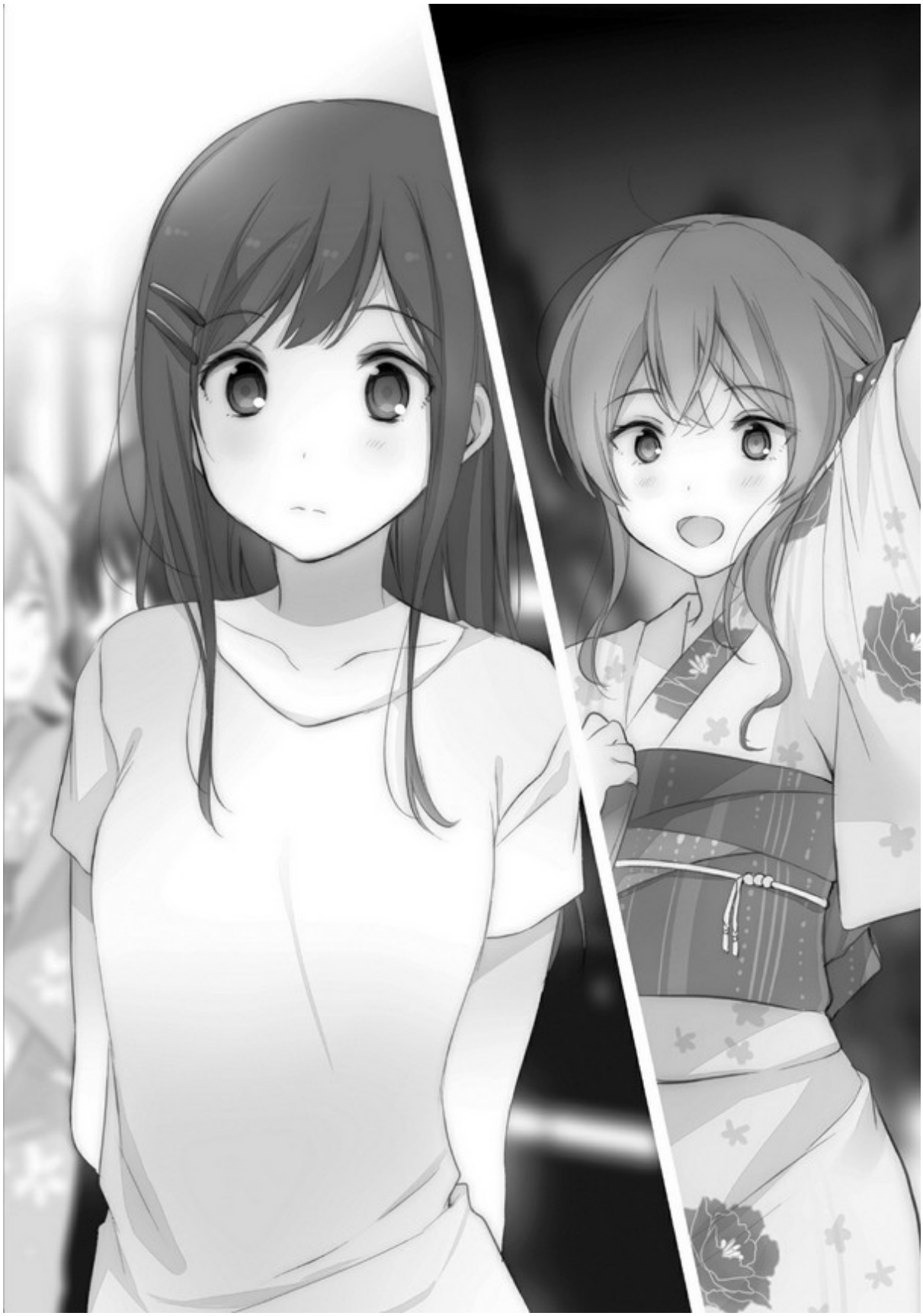
Vi Tarumi parada na sombra de um prédio, fora do caminho do tráfego de pedestres, mexendo no celular. Talvez estivesse tentando me contatar. Tardiamente, percebi que não havíamos combinado um local específico para nos encontrarmos — apenas uma janela de horário geral. Mas, como ela sabia onde eu morava, bastava posicionar-se em algum lugar ao longo daquela rota e esperar por mim. *Inteligente, Taru-chan*. Honestamente, deveríamos ter decidido um ponto de encontro, e esse problema teria sido resolvido facilmente.

"Oooi! Shiiiima-chaaaan!"

Tarumi me viu e guardou o celular. Acenando, ela se esquivou habilidosamente entre os pedestres para chegar até nós. Ao compará-la com as outras pessoas ao redor, mais uma vez percebi o quanto ela tinha crescido.

"Oi, oi!" Acenei de volta para ela, a poucos centímetros de distância. *Caramba, sou tão boba.* Ri de mim mesma, e ela sorriu de volta, acompanhando.

Ela estava vestida com um yukata chique; sob a luz das lanternas do festival, o padrão de peônias realmente se destacava. Somado ao cabelo longo e perfeitamente encaracolado, minha reação inicial foi: *nossa, ela parece uma modelo.* Mas agora eu era a estranha no pedaço, e não era uma sensação boa. Meio que parecia que eu não me encaixava, ou... talvez eu simplesmente não estivesse empolgada para o evento... *Eh, nada de novo, eu acho.*



"Então, uh... Acho que essa é sua irmãzinha," Tarumi continuou, inclinando-se em direção à minha irmã depois de um breve olhar em direção a Yashiro. Isso foi prova de que ela tinha bom senso e um par de olhos funcionando.

Percebi que a mão da minha irmã mudou de posição e intensidade, e vi que ela estava se afastando.

“Há quanto tempo… Bem, acho que você provavelmente não lembra, mas... hum... quando sua irmã e eu estávamos no ensino fundamental, eu costumava vir muito na sua casa,” Tarumi explicou com um sorriso amigável, apontando para si mesma com uma das mãos.

Evidentemente, minha irmã não tinha a menor lembrança dela, porque a reação foi no mínimo indiferente.

“Ha ha ha! Ok, talvez eu devesse ter dito ‘prazer em te conhecer’ em vez disso.”

“É,” minha irmã respondeu com a cara mais séria, e eu comecei a rir baixinho. A fachada de “boa menina” dela fazia até as máscaras do festival parecerem pequenas. Então ela percebeu que minha mão se moveu e percebeu que estava rindo dela.

“Grraaahh!” Ela lançou uma cabeçada na minha... bem, já sabe. Punição e tal. Meio difícil com as mãos ocupadas.

“Então, essa seria a ‘outra pessoa’?”

Eu assenti. Aí a “outra pessoa” se apresentou: “Meu nome é Chikama Yashiro.”

Ah, sim, é verdade. Honestamente, eu até esqueci que ela *tinha* sobrenome. Para mim, ela sempre foi só Yashiro, e para minha irmã, ela era Yachi.

“Prazer em te conhecer... Nossa, seu cabelo é algo de outro mundo.”

Timidamente, ela se abaixou, estendeu a mão e tocou no cabelo de Yashiro. Mas eu tinha quase certeza de que não era a primeira vez que elas se encontravam; como Tarumi não havia notado o cabelo dela antes? Com o que ela estava tão distraída naquele momento?

Ah. Certo. Eu. O constrangimento chegou tarde, mas veio.

“Bom, então vamos andando.”

Apesar do transtorno que estava por vir, me endireitei e olhei para frente. Uma parede de pessoas já se formava à distância, e a parte mais assustadora era que ela se movia lentamente. Eu realmente *não* estava ansiosa para me jogar nesse banquete de mosquitos.

Enquanto caminhávamos as quatro, o maior dos fogos de artifício — o sol — se afastava para o horizonte, nos deixando com seu calor enquanto ele fugia para aproveitar a noite. *Até uma criança sabe que deve guardar os brinquedos quando termina de brincar*, pensei, cansada, enquanto respirava o ar morno. *Comparada com o Planeta Terra, você é a adulta, então aja como tal.*

“Hmm?”

Tarumi olhou para minha mão — especificamente, para a que Yashiro estava apertando.

“O que foi?” perguntei.

O jeito que ela se encolheu e se endireitou de repente me fez lembrar da Adachi. “Ah, não é nada. Só estava admirando o quão responsável você tem sido como irmã mais velha.”

“Você acha, é?”

Eu vagamente me lembrava de alguém me dizendo algo parecido no passado — talvez a Hino? Algo sobre eu ser “mais irmã do que pensavam.” Mas eu não tinha interesse em ser a irmã mais velha da Yashiro, porque, para ser bem honesta, eu não nasci para isso. Eu sabia que tipo de pessoa eu era, e definitivamente *não* era do tipo irmã mais velha.

“Sim, mas de um jeito diferente de antes. Parece que você realmente cresceu!”

“Não sei se acredito nisso.”

As palavras dela não tinham peso, e além disso, o sorriso estava tremendo como se estivesse tentando desesperadamente esconder a verdade. Eu a encarei e esperei. Eventualmente, o olhar dela deu uma volta completa e voltou para mim.

“Bem, só percebi o quanto suas mãos parecem populares. Não sabia que precisava fazer uma reserva!” ela provocou, rindo pelas beiradas.

“Minhas mãos...? Ah, isso?”

Levantei ambas as mãos entrelaçadas no ar. Estavam definitivamente ocupadas, isso era certo. Aparentemente, Tarumi também queria segurar minha mão. *Sério, o que essas pessoas ganham em segurar minha mão?*

“Talvez eu devesse ter ido te buscar em casa,” ela ponderou, cruzando os braços em profunda contemplação. Pelo jeito, o cenho franzido indicava que talvez ela não estivesse brincando.

No entanto, ela tinha um bom ponto. Se tivéssemos combinado de nos encontrar na porta de uma das casas, teríamos evitado toda essa confusão. O fato de isso não ter ocorrido a nós mais cedo era uma prova de como nossa amizade estava enferrujada. Estávamos ambas — *como posso dizer?* Tentando demais, eu acho.

“Então, nesse caso, me deixe te dar uma mão,” declarou Yashiro, oferecendo sua mão livre. Eu não esperava que ela realmente fosse entrar na conversa, então isso me surpreendeu.

“Ah, ok. Obrigada.”

Naturalmente, Tarumi levou na boa e aceitou, embora um pouco hesitante. Com ambas as mãos agora suspensas no ar, Yashiro se impulsionou para sair do chão. *Não, não vamos te carregar. Para com isso. Você parece o alienígena que é preso naquele filme com os caras de terno.* Enquanto ela ficava lá suspensa, Tarumi e eu trocamos um olhar e rimos de forma meio desconfortável.

“Eu juro, ela não é uma criança má.” *Tipo, 99% de certeza, pelo menos.*

Pelo que eu podia perceber, Yashiro não estava oferecendo a mão por bondade. Ela não estava pensando sobre certo ou errado ou como ela poderia se beneficiar com isso — ela estava simplesmente agindo da maneira que foi ensinada a agir, ou seja, “ajudar as pessoas que estão precisando.” Considerando o quanto as crianças de hoje em dia geralmente são focadas em si mesmas, isso era uma qualidade rara... e isso a destacava de nós.

“Sim, eu sei… Mas, olha, eu tenho que dizer, eu não tava certa de que você ia aparecer, Shima-chan!” Tarumi fungou dramaticamente enquanto segurava a mãozinha da Yashiro. O suspiro de emoção na voz dela foi longo e pesado.

“Por quê?”

“Bem, deixando de lado como você costumava ser, ultimamente você tem sido meio preguiçosa e… Er, esquece isso!” Ela aparentemente se equivocou. Passou a mão na frente do rosto, tentando retratar a declaração. “Quero dizer, tipo, você nunca quer fazer nada… Er, quer dizer…”

“Sério?” Levantei as sobrancelhas e esperei educadamente ela continuar se enterrando. Ela esqueceu que eu literalmente fui atrás dela para posar para o quadro dela?

“Você é só… desinteressada…? Não, não é isso. Difícil de agradar…? Caseira…? Argh, esquece! Não consigo encontrar a palavra certa!” Perdida em um labirinto de sinônimos, ela segurava a cabeça. Era levemente divertido de assistir.

Honestamente, *todos* esses adjetivos basicamente se encaixavam em mim. Se eu dissesse isso em voz alta com um sorriso inocente, será que a gente conseguiria recuperar um pouco da química que costumava existir entre a gente? Eu sentia o potencial, mas não conseguia me convencer a dar esse passo. Eu simplesmente não via sentido em voltar atrás. Se havia algo real e imortal entre nós, então, certamente, não seria necessário viajar no tempo para encontrar, né?

“Oh! Ohhh! OHHH!”

Yashiro começou a pular. *Como é que você faz isso quando seus pés não estão nem tocando o chão?*

“Eu sinto um perfume delicioso no ar!”

Ainda estávamos a uma distância considerável da rua com as barracas de comida, e ainda assim lá estava ela, levantando o nariz bem alto. Seus gestos mais casuais a marcavam discretamente como alguém além do alcance do bom senso. *Tudo* nela era suspeito, não apenas sua aparência. Então, qual será o giro bizarro do destino que me levou a caminhar de mãos dadas com ela até um festival?

Minha irmã, por outro lado, estava muito bem comportada. Quando verifiquei se ela não havia se perdido, lá estava ela, ainda segurando minha mão. Ela não estava olhando para o chão, também — simplesmente caminhava em silêncio. Era assim que ela sempre agia na presença de um estranho.

Por impulso, levantei a mão e cutuquei sua bochecha. Ela fez uma careta para mim. “O que foi *isso*?!”

“Você está tão quieta, achei que talvez tivesse dormido.”

A verdade era que eu me sentia mal por não tê-la incluído na conversa. Mas, se eu admitisse isso em voz alta, como ela reagiria? De todas as coisas que as pessoas deveriam sentir em relação aos seus familiares, a *obrigação* provavelmente seria a última. Por isso, mesmo que fosse tecnicamente verdade, me incomodava pensar que estava *apenas* cuidando dela porque era minha irmã. Não era impreciso, mas ainda assim algo parecia faltar.

Quando chegamos à rua à beira do rio, a multidão estava tão grande que fomos forçadas a andar em fila única. Como estávamos todas de mãos dadas, naturalmente, ambos os meus braços estavam sendo puxados para trás. Mas quando você andava com os ombros para fora, era mais fácil esbarrar nas pessoas. Não era uma experiência agradável.

Antes que o meu bom humor fosse totalmente estragado, porém, faíscas douradas caíram uma após a outra. Então, vi os fogos de artifício de relance, e

surpreendentemente, isso me animou. Quantos anos haviam se passado desde que vi fogos de artifício com meus próprios olhos?

“Viu, Yachi? Aqueles são fogos de artifício!” minha irmã, que normalmente era quieta, explicou com um sorriso orgulhoso.

“Ooooh…” A boca de Yashiro ficou aberta enquanto ela olhava para as faíscas cintilantes. O que ela achava daquelas flores brilhando no céu? Será que uma alienígena acharia valor nisso?

Estava brincando, mas enfim.

Fogos de artifício deslumbrantes estouravam e desapareciam um após o outro, como se estivéssemos testemunhando o nascimento e a morte de novas estrelas enquanto a lua observava de longe. Nesse momento, até eu consegui sentir algo. Como átomos atraídos por uma força magnética, seguimos pela rua até que as barracas de comida apareceram, e foi quando Yashiro *perdeu a linha*.

“OHHHH!” Claramente, era ali que estavam seus verdadeiros interesses. Ela puxou minha manga. “Shimamura-san! Shimamura-san!”

“Sim, sim, eu sei.” Como era esperado que eu pagasse o jantar enquanto estávamos ali, não me opus muito, mas antes de irmos até lá, queria verificar com a Tarumi. “Você se importa se olharmos as barracas?”

“Sem problemas. Eu também não jantei ainda, então está perfeito.”

Ela olhou para as barracas, e enquanto eu observava seu rosto de perfil, me peguei pensando: quanto tempo ela ficou ali no lugar onde a encontramos? Provavelmente não *muito*, né? *Afinal, ela não é a Adachi.*

“Eu descobri a verdadeira identidade do cheiro delicioso!”

Com as narinas dilatadas, Yashiro cheirou ruidosamente em direção a uma barraca específica. Ela era laranja com um telhado vermelho, perfeitamente combinando com as luzes do festival. E entre todas as outras barracas com seus esquemas de lanternas coloridas, essa tinha uma placa gigante e chamativa:

“*Takoyaki da Sorte*? O que isso quer dizer?”

Logo quando parei abruptamente, a vendedora da barraca saiu de trás, vestindo uma túnica de mangas longas e pesadas. Seja lá o que fosse, parecia muito pesada para uma noite quente de verão. Sua pele de porcelana e bochechas rosadas me lembraram as maçãs do amor, não… bem, sabe… *polvo*.

“Ei, você aí, venha cá.”

“Oh, não, é...?”

“Nossos bolinhos de *takoyaki* são muito especiais. Em cada pacote de oito, só um contém um pedaço de polvo!”

“Como é?” Apontei para a placa. Ela me ignorou.

“A pessoa sortuda que encontrar esse pedaço poderá tirar uma sorte, sem custo adicional!”

Ela gesticulou em direção ao tambor de sorteio girando ao lado dela. *Você chama isso de "tirar uma sorte"?*

“Quem tirar ‘Muita Sorte’ ganhará uma leitura de palma gratuita! Muita sorte, realmente!”

“.....”

“Mas não se preocupe. Se sua leitura de palma não for tão positiva, você pode simplesmente comprar outro pacote para melhorar sua—”

“Ok, vamos continuar andando.”

“Ahhh!”

Ufa, foi por pouco. Nessas horas, preciso ficar alerta e observar bem para não cair em golpistas estranhos no meio das pessoas normais.

“Muito bem, então. Se me permite um aviso...”

“Hã?”

Num minuto, ela estava atrás do balcão, e no minuto seguinte, apareceu repentinamente ao meu lado. Ela *pulou*?! Foi uma movimentação inesperada para alguém que parecia e estava vestida como... bem, *ela*. Por um momento, não sabia como reagir. E por que ela estava nos seguindo?!

“Vejo que você sofrerá grande infortúnio no que diz respeito às mulheres.”

Ela balançou o dedo na minha testa. De onde *isso* veio? Ela mencionou leituras de palma mais cedo, será que ela era algum tipo de vidente?

“Mas... eu sou uma garota...”

“Você não ouve muito sobre infortúnios envolvendo homens. Talvez as mulheres sejam simplesmente mais complicadas.”

Eu não perguntei, mas ok. Atordoada, dei um passo para trás. Será que essa maluca ia me seguir pelo resto do festival agora?

“Então, está… escrito no meu rosto, ou…?”

"Não, suas mãos. Eu sou especialista em quiromancia."

Olhei para minhas palmas; elas estavam escondidas, já que eu estava ocupada segurando as mãos das crianças. Olhei de volta para ela. O sorriso dela não parecia genuíno.

Ah, tá. Ela é uma maluca.

"Obrigada pelo aviso. Adeus para sempre!" Comecei a andar a toda velocidade.

"Que a sorte te acompanhe!" ela gritou atrás de nós, acenando, mas felizmente não nos seguiu. Logo desaparecemos na multidão. O que foi *aquilo*?

"Infortúnio com mulheres, hein..."

"Hã?"

Por algum motivo, Tarumi parecia estar ainda mais chateada do que eu. Será que algo disso fez sentido para ela?

"Oh, Shimamura-san! *Aquilo* parece realmente saboroso!"

Em seguida, Yashiro apontou para uma barraca que vendia bolinhos de massa, conhecidos como "baby castellas". "Feitos com mel, ovos e leite", dizia a placa. Isso realmente era um bom atrativo de venda? Um olhar para Yashiro e não precisava ser um gênio para perceber o que ela queria comprar. *Se ao menos minhas provas fossem tão fáceis assim.*

Dessa vez, consegui fazer a compra sem nenhuma confusão maluca. O único "problema" real foi que eu precisei pagar com meu próprio dinheiro, já que Yashiro estava quebrada e minha irmã não estava muito melhor, mas com isso eu podia lidar. *Por favor, sem mais esquisitices cansativas essa noite.*

Depois que ela dividiu a parte dela com minha irmã, Yashiro saboreou os bolinhos. "Mmmm... Esses castellas estão uma delícia!"

"Que bom ouvir isso."

"Será que aquele karaage de frango é bom?"

"Calma aí, companheira." *Não vá trair sua comida com outra comida.*

Enquanto Yashiro corria como uma criança faminta, eu sentia minha carteira ficando cada vez mais leve e minhas pernas cada vez mais pesadas. Puxei sua mão, mantendo-a sob controle como um cachorro na coleira. Se eu deixasse ela dar até o menor vislumbre de uma barraca com cheiro e ambiente convidativos, ela ia me implorar para comprar mais comida, então eu olhei para o chão e me concentrei em andar rápido.

“Gyaaah! Shimamura-saaaan!”

“Meu Deus, cala a boca!”

Eu queria yakisoba, não karaage de frango. Minha boca estava pedindo um descanso de toda aquela comida de verão.

“Shima-chan, você está agindo como uma irmã mais velha de novo,” Tarumi brincou enquanto tentava acompanhar meu ritmo. Senti uma leve resistência e fiz beicinho.

“Não é coisa de irmã. Eu também costumava *te* arrastar por aí assim de vez em quando.”

Pela primeira vez, a conversa soou natural. As palavras saíram de forma rápida, fluída, sem engasgos. Nenhuma memória mais profunda estava ligada a elas. Mas isso me fez parar para pensar.

Da mesma forma, Tarumi claramente não esperava isso, porque ela congelou… mas não por tanto tempo quanto eu. “Ah… sim, é verdade!” ela respondeu com um sorriso inocente e feminino. Ali, sob a luz das lanternas, parecia que eu tinha vislumbrado um fragmento de um sonho.

Algum tempo depois, após mais discussões e yakisoba, os fogos de artifício aumentaram de nível e intensidade. O primeiro que dispararam foi uma grande explosão arco-íris, provocando aplausos da multidão. “Lindo,” eu disse, como um romancista falando sobre a lua. Depois, fui conferir minha irmã. “Consegue ver bem?”

Ficando atrás de um muro de adultos, ela estava coberta de sombra. Sua resposta não foi muito favorável. “Ummm…”

Parece que eu sei o que preciso fazer.

“Taru-chan, você pode cuidar dela pra mim?”

Soltei a Yashiro, coloquei ambas as mãos debaixo dos braços da minha irmã e a ergui.

“O quê… *hã*?! O quê, o quê, o quê?!”

Aparentemente, ela não espera por isso. Visivelmente atordoada, olhou para mim com os olhos arregalados. Ela era meio pesada, mas nada que eu não conseguisse suportar.

“E agora?” perguntei.

“…Sim…”

Ela virou-se novamente para os fogos de artifício, assentindo. Foi uma resposta comportada dela, o que é incomum. Enquanto a segurava, parecia que meus braços eram agulhas em um mostrador, indicando meu *quociente de irmã*, ou como Hino tinha dito.

“Wheeeee!” Ao nosso lado, Tarumi havia erguido Yashiro nos braços. A pequena alienígena parecia bem animada com isso, mas, de novo, quando é que ela *não estava* animada?

“Você está bem?” perguntei a Tarumi, preocupada se Yashiro estava pesada.

O olhar de Tarumi vagou por um momento. “Ah, sim,” ela respondeu, e eu pude ouvir a confusão em sua voz. “Estou bem. Na verdade, ela é... tipo... não sei, mas... parece que ela está muito leve?”

“Ah, sim. Estranho, né?”

“Não sei como você consegue simplesmente ignorar, mas isso te faz bem estranha também, Shima-chan,” ela respondeu de volta. Então, ouvi vagamente ela sussurrar: “Mas eu gosto de você mesmo assim.” Ou algo do tipo. Como consegui ouvir isso no meio da multidão?

Legal. Que bom que você aprova.

“…Hmm…”

Enquanto minha irmã estava distraída com os fogos de artifício, me inclinei perto de Tarumi para que as crianças não ouvissem. Assustada, ela uniu os lábios, mas ignorei isso.

“Desculpa por isso — trazer as crianças e tudo mais.” Eu tinha evitado pedir desculpas por telefone, mas agora que estávamos juntas pessoalmente, senti que precisava dizer. Afinal, eu estava basicamente forçando ela a fazer papel de babá junto comigo.

“Claro, sem problema.” No começo, ela acenou vagamente, mas depois abaixou a cabeça. “Na real, tá tranquilo.”

Não percebi nenhum vestígio de amargura ou sarcasmo no olhar dela. Suas bochechas e olhos perfeitamente polidos estavam tingidos pelas cores dos fogos de artifício que desabrochavam no céu.

“Tudo o que eu quero é me divertir com você, Shima-chan.”

“Só isso?”

“Sim, só isso.”

Ela fez uma pausa ali, olhando para o céu. Suas palavras pareciam uma expressão de algo mais, mas nada seguiu depois delas. Porém, havia algo refrescante em seus olhos — uma maneira deles sempre parecerem olhar para frente, para o futuro que estava por vir. De tal forma que, por pouco, pude alucinar a sensação da brisa contra minha bochecha, apesar de estar presa em uma multidão quente, onde nenhum alívio existia.

“Entendi.”

Senti que seria rude pressioná-la mais — como pedir para um fogo de artifício não se apagar. Um fogo de artifício que permanecesse não seria diferente de uma pichação, manchando o céu.

"Então, sim, eu não me importo com *isso*, mas... Bem, isso vai parecer bem mesquinho, mas..." Ela tossiu de propósito. Quando olhei para ela, percebi que tinha dado um passo à frente, ainda carregando Yashiro. Então, ela ergueu a cabeça bem alta. "Eu acho que tem algo que você esqueceu de dizer!"

No começo, não fazia ideia do que ela estava falando. Então ela girou as mangas do yukata e, quando vi o olhar tímido em seu rosto, tudo fez sentido.

"Ah!"

Parece que ela queria que eu comentasse sobre o yukata dela. As orelhas dela estavam vermelhas, e não era por causa da luz dos fogos de artifício.

"Ah, não! Não me faça ter que pedir, Shima-chaaaan!" ela fez uma carinha fofa de quem estava tímida, com um sorriso cheio de vergonha.

"É... Claro. Que falta de educação da minha parte," respondi com uma risada meio sem jeito.

Se eu dissesse que ela parecia uma modelo de passarela, soaria sarcástico?

Talvez... Fiquei refletindo sobre isso por um momento, então a observei de cima a baixo. Ela se mexeu de um lado para o outro timidamente.

"Você está deslumbrante," eu disse sinceramente.

Não ficou claro como ela interpretou isso, porque ela respondeu com uma risada estranha, a expressão tensa, a boca congelada no formato de um croissant.

"Q-que, mais deslumbrante que os fogos de artifício? Tô brincando. Ha ha ha ha..."

"Sim. Você está absolutamente radiante."

Do meu ponto de vista, eu estava apenas sendo honesta. Mas, por algum motivo, isso pareceu levá-la ao limite, porque ela começou a tossir forte. Agora eu estava *realmente* preocupada com a forma como ela havia interpretado. Claro, ela estava deslumbrante por causa da Yashiro e dos brilhos no cabelo dela, mas decidi guardar esse pequeno detalhe para mim.

E assim, naquela noite de julho, nós nos deliciamos com os fogos de artifício e a velha amizade.

Se ainda estivéssemos na escola primária, com certeza eu teria colocado isso no meu diário.

***

“…Shimamura?”

Minha visão girou e convergiu em um único ponto, me puxando para o vórtice. Tremendo, chamei por ela, mas ela estava cercada por três vozes alegres que arrancaram o chão debaixo de mim, me fazendo cair na desesperança.

Por um breve momento, a luz dos fogos enfraqueceu o profundo azul da noite.

Shimamura.